

LIÇÕES PARA NÃO ESQUECER

LEARNINGS YOU SHALL REMEMBER

Sérgio Adorno

Universidade de São Paulo

Conheci José de Souza Martins como professor da disciplina Sociologia I, do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP), em 1971, no segundo semestre. Eu tinha 19 anos, frequentava o primeiro ano do curso e estava muito entusiasmado com as possibilidades de compreensão do mundo vivido naquela época. Nunca é demais lembrar que nos encontrávamos sob a ditadura militar, um período de intensas agitações, de dura repressão política, de muitas ameaças e de muito medo disseminado entre os estudantes. Ouvir ensinamentos de mestres tão admirados como o professor Martins era um ato de resistência, de coragem cívica, e um estímulo para prosseguir nos estudos.

Na página inicial de *A Revolução Burguesa no Brasil*, Florestan Fernandes agradece a todos os pesquisadores e professores, entre os quais José de Souza Martins, que contribuíram para “aliar a aventura de conhecer a realidade brasileira e lutar para transformá-la”. Essa relação dialética entre conhecimento e transformação, entre transformação e conhecimento, herança da tradição revolucionária francesa desde fins do século XVIII, constitui um traço marcante da formação sociológica do professor Martins.

Ao longo dos anos em que convivi com ele como seu aluno, na graduação e na pós-graduação e, posteriormente, como seu colega, inicialmente no extinto Departamento de Ciências Sociais e, em seguida, no Departamento de Sociologia, pude ir deslindando sua personalidade complexa, rica, multifacetada, sempre surpreendente, como também sua identidade como pesquisador, crítico de arte, jornalista, homem público e político. Não menos interessantes são suas manifestações de amizade e solidariedade para com seus colegas

e pares, outro traço herdado de sua formação familiar, comunitária, tecida entre imigrantes e operários. Descrivê-las – personalidade e identidade – em poucas palavras não é tarefa fácil. Por isso, escolhi fazê-lo sob um ângulo muito singular. O de destacar as influências que sua conduta exerceu sobre minha formação acadêmica.

Martins tem escrito muito a respeito da falência da educação básica no Brasil. Suas reflexões são densas e mereceriam mesmo comentários de seus amigos, admiradores e – por que não? – daqueles que se sentem incomodados com suas provocações e formulações. Em suas memórias acadêmicas, recém-publicadas, ele se refere com frequência, e com respeito quase sagrado, a seus mestres, seus modelos. Pois bem, creio que um dos mais agudos sintomas da crise pela qual passa a educação básica no Brasil, e que repercute na crise institucional das universidades brasileiras, é a ausência de modelos de conduta docente a serem imitados. Já Martins foi modelo para toda uma geração.

Começo pelas aulas de Sociologia I, uma disciplina de introdução. De início, há que se lembrar do programa da disciplina. Da lavra comum entre ele e a saudosa professora Maria Alice Foracchi, o programa, extremamente bem fundamentado, era construído a partir de problemáticas sociológicas, exploradas segundo temas fundamentais da sociedade moderna e não segundo escolas de pensamento. A bibliografia da disciplina permitia ao jovem estudante não apenas conhecer diferentes perspectivas a partir das quais era possível compreender o diagnóstico que distintos pensadores faziam da sociedade moderna, como também solidificar conceitos fundamentais que marcaram o pensamento sociológico clássico e contemporâneo: socialização, controle social, integração e conflito, sociedade industrial e sociedade capitalista, classe e estratificação social, conservação e mudança – e tudo isso sem o apelo à sociologia sistemática, isto é, ao aprendizado dos conceitos fora do contexto histórico no qual foram forjados. Lembro-me também que as exigências de leitura eram muito rigorosas.

As aulas – seis horas por semana – eram divididas em duas horas de aula magna e quatro de seminários em pequenos grupos, para compreensão e discussão de textos, dirigidos por assistente e supervisionados semanalmente pelo docente responsável pela disciplina. Nas aulas, pude certificar-me das qualidades de Martins como professor. Elas não se limitavam a expor o conteúdo de tal

ou qual tema, de tal ou qual texto. Eram verdadeiros constructos intelectuais, a partir de uma problemática determinada e secundada por sólidas referências bibliográficas. A clareza da exposição era inegável. As aulas tinham começo, meio e fim e já anunciavam, sob a forma de uma questão, o que se deveria esperar daquela que viria a seguir. Era sempre um convite a voltar para satisfazer a curiosidade, e um estímulo para continuar o programa de leituras. Lembro-me igualmente que, invariavelmente, ao final das exposições, ele indagava da audiência – cerca de 150 alunos, no auditório dos antigos barracões: alguma dúvida, alguma questão? Como o silêncio era frequente nesses minutos após as preleções, ele agregava o seguinte comentário: bem, se não há dúvidas ou questões, é porque a aula não valeu, não foi boa. Boa aula deve suscitar inquietações.

Esse tem sido, para mim, um verdadeiro termômetro do aproveitamento das aulas. Se não há dúvidas, é melhor refazer caminhos. Certa vez, tive a coragem de lhe dizer que não havia compreendido o tal do *paradoxo das consequências* proposto por Max Weber. Ele explicou-me novamente com uma paternal paciência, tanto que fui capaz de explicar, em cadeia, para os colegas ao lado. E, claro, toda a sabedoria do professor estava – como sempre esteve – lastreada em sólida formação teórica e em seu copioso trabalho de investigação empírica. Por isso também as aulas eram ilustradas com o relato de fatos e casos, através dos quais ele nos ensinava a distinguir, com uma presteza quase cirúrgica, a tênue linha que separa o senso comum da explicação científica. Aprendi com ele um segredo fundamental: o de traduzir problemas sociais em problemas sociológicos, um aprendizado que marcou minha formação como docente e pesquisador. Aprendi também, tanto nas aulas quanto nos seminários, a diferença entre ler um texto e estudá-lo, o que requer seguidas leituras, sucessivas visitas, uma verdadeira investigação sobre sua lógica interna e imanente, sobre a natureza dos argumentos mobilizados no exercício crítico-reflexivo, assim como a respeito de seus constrangimentos externos, sejam os determinados pelas conjunturas histórico-políticas ou por interesses alheios ou mesmo estranhos ao mundo acadêmico. Enfim, aprendi que a leitura e compreensão de um texto são tarefas complexas, que ensejam minucioso e metódico trabalho intelectual.

Mas há também outra característica que Martins soube, como ninguém, explorar: a indissolubilidade entre ensino e pesquisa, entre

pesquisa e ensino. Certamente, ele não a inventou. Herdou da tradição europeia, que contribuiu para a fundação da Universidade de São Paulo e que seus mestres, em especial Florestan Fernandes, souberam muito bem cultivar. Por isso, o bom professor é igualmente modelo de conduta como pesquisador. Ao longo de sua extensa trajetória de pesquisador – pelos objetos de que se ocupou, pela sagacidade com que deitou seu olhar sobre a realidade social, em especial a brasileira, pelo ouvido aguçado para escutar diferentes vozes, pelo incansável exercício intelectual capaz de aplicar criativamente diferentes métodos e técnicas segundo a natureza dos problemas investigados – fui testemunha de um pesquisador rigoroso, inventivo, criativo, surpreendente, atento às minúcias e filigranas dos tecidos sociais, sensível não só às mazelas com que as classes sociais defendem seus interesses, mas também à solidariedade que se entrevê nas festas populares e nos rituais fúnebres, nas lutas sociais e na vida quase pacata dos subúrbios.

Martins ensinou aos seus alunos que não há métodos divorciados das questões sociológicas formuladas. O método não é uma escolha ao bel prazer do pesquisador, como se fosse uma preferência, um gosto pessoal. O método – esta sorte de lupa imaginária, para nós cientistas sociais, que leva do sujeito ao objeto e reconstrói o caminho de volta – é também parte da construção do objeto. Nesse domínio, aprendi a conhecer as singularidades da Sociologia como parte das Ciências Sociais e das humanidades. Mas nem por isso Martins abandonou o campo legítimo da ciência. Ele nos ensinou que a Sociologia permanece no interior de um triedro: singularidade das Ciências Sociais, sistema científico e imaginação sociológica, o que faz com que o pensamento sociológico esteja permanentemente capturado entre duas lógicas: a da ciência e a da arte.

Todos esses traços levaram-me a gostar da sala de aula, de sua dinâmica, de suas exigências e, dialeticamente, a gostar de me surpreender com bons alunos, com suas inquietações e com o desafio permanente à atualização, à renovação, à reinvenção. E, ao mesmo tempo, a gostar da pesquisa, do campo, das bibliotecas, a apreciar a curiosidade, o entusiasmo com as descobertas e com a possibilidade de torná-las públicas através de aulas, orientação acadêmica e publicações. Daí porque o intelectual Martins, como modelo, é o

intelectual escritor, o jornalista sociólogo, o crítico da arte, da cultura e da política. Tive o privilégio de ter sido seu aluno e seu colega. Tive o privilégio de ter podido espelhar-me e aprender, na diferença, a reconhecer e respeitar minhas raízes.

Recebido em 08/08/2013

Aprovado em 13/08/2013

